

Francisco Eduardo de Andrade

Os Vãos e o Vazio

Começo com uma fotografia do antigo Seminário de Mariana. Uma composição imponente do casario retangular acoplado à bela capela de feição jesuítica. Dezenas de janelas distribuídas com simetria evocam as moradas de casas das fazendas mineiras. Embaixo, próximo à escada que chega à capela, noto outras construções menos dignas, como os prédios de trabalho e um rancho bem composto. Oração, estudo e trabalhos manual e agrícola são apreendidos na imagem. Todo o conjunto encosta-se na montanha, cuja elevação ressalta certa atmosfera de solidão ou recolhimento. A imagem não pressente a cidade (situada defronte), que se conhece somente pelo título da fotografia.

Nos limites desse seminário ficava o palácio dos bispos de Mariana, desde o século XVIII. Saint-Hilaire e Spix e Martius, os conhecidos naturalistas estrangeiros, conheceram a reputação do jardim e da biblioteca do palácio. O jardim pareceu amplo e “desenhado com regularidade”, e a biblioteca, conforme o relato que ouviram, estava “munida também de muitas obras sobre história natural”. A casa do bispo, dizia-se, abrigava ainda um “museu de curiosidades naturais, com alguns minérios ricos de ouro” (Cf. SAINT-HILAIRE, 1975, p. 79; SPIX, 1981, p. 217).

Com certeza os estudantes mais atirados e os clérigos deviam visitar o jardim e a biblioteca conservados com apego ciumento pelo governo do bispado. Sabe-se, de qualquer modo, que a escola do seminário havia sido fundamental na primeira formação dos senhores das Minas, e dos seus padres. A memória da instituição contribuiu para a formação da nata dirigente, configurando a imaginação do seu catolicismo. Alguns professores que ali ensinaram, como o Cônego Luís Vieira (professor de filosofia entre as décadas de 1750 e 1780) e o padre Bhering, revendo os laços entre a religião e a política no Estado, acalentaram os próprios planos político-pedagógicos, fossem libertinos, reformistas ou liberais.

No século XX, a fotografia do lugar tornou-se um quadro de parede, e as memórias parecem estilhaçadas; os significados, muitos dispersos, são ruínas ou escombros. Ninguém se reconhece nesse passado sem arte. Um historiador mineiro lamentou, nos anos 1940: “Muitos olham indiferentes para aquela casa, hoje tristonha e sossegada em um recanto de Mariana, não tendo que os impressione, senão a beleza física do edifício, plantado como está em um dos sítios mais pitorescos da cidade, com suas paredes de jaspe, destacando-se soberano entre o verde do bambual e as filas de casuarinas. Outros sabem que ela existe apenas por ouvirem, de espaço a espaço, a voz silente de seu sininho, que marca os quartos e as horas com que o tempo vai sepultando dia por dia no passado o destino da cidade e o seu próprio destino. [...] Evocam-lhe a vida radiosa de outrora, quando regurgitava de estudantes de todas as classes, quando ostentava ainda a sua Quinta frondejante, os seus canteiros virentes, as colinas em derredor pontilhadas de rebanhos” (VASCONCELOS, 1947, p. 63-64).

Décadas depois, já não se mobilizavam mais esse universo de memórias. Outras

temporalidades se sobrepõem, e que não são instigantes das sensibilidades românticas. Nos anos 1980, novas práticas e saberes articulam suas próprias memórias, desde a criação dos cursos da Universidade, História e Letras, no lugar da antiga escola. É evidente que mais do que reocupar (ou restaurar) os prédios, a instituição universitária – como Instituto de Ciências Humanas e Sociais – compôs personagens e provocou usos inovadores.

No final desta década, encontrei aquele que se salientou nessa outra memória, um (re)construtor de lugar – o professor de sociologia, Ivan de Almeida. Os alunos do curso de História daqueles anos tinham lá suas expectativas: finalmente um especialista os ajudaria a moldar a história com os ensinamentos da ciência social. Houve mesmo um conflito dos discentes com o professor anterior, cujas aulas não se amparavam nos “clássicos” (convencionais, que se pretendiam): Comte, Durkheim, Weber e, é claro, Marx (a grande referência).

Fui aluno do professor Ivan nessa época, e fiquei desapontado quando ele indicou a leitura do livro *História da Riqueza do Homem*. Havia lido essa obra marxista quando terminara o que era chamado de ensino secundário, e reagiu mal à indicação bibliográfica. Eu pensava que este texto não fazia jus a uma suposta competência de leitor; numa atitude de auto-afirmação, eu queria os desafios que me distinguissem do aluno que fora no passado. Agora, em retrospectiva, parece certo que o professor buscava forjar uma perspectiva crítica a respeito das nossas experiências, cruzando a ponte da história.

Anos depois, reencontrei o professor Ivan, agora como diretor do ICHS. Ele já não era o mesmo do meu passado de estudante de história; tornou-se um estudioso das crenças e das sensibilidades religiosas. Agora eu era seu colega no departamento de História da UFOP, e, apesar das minhas perspectivas muitas vezes distintas, considerei estimulante a aproximação com o professor que se tornara crítico de qualquer ortodoxia materialista, e do pragmatismo científico em voga.

O diretor estava sempre preocupado com os enlaces do espaço, interessado em desvendar as memórias imaginadas nos vãos da arquitetura ou nos vazios dos campos arruinados. Paulistano, Ivan parecia querer reproduzir as descobertas modernistas das Minas Gerais, praticando cruzar as temporalidades. Para isso, ele perscrutou o movimento dos usuários, cujos gestos poderiam evocar antigas disposições. Daí, talvez, os seus planos de recuperação da paisagem do entorno, com os jardins dos recantos, que estimulassem os pontos de contato e as sociabilidades das passagens. Ivan promoveu até um projeto de pesquisa arqueológica do antigo jardim do palácio dos bispos, visando reconstituir algum traçado e conservar os restos da sua historicidade. Infelizmente, os resultados foram decepcionantes, pois o terreno explorado era uma superfície plana, que se tinha adaptado para as novas construções de porte. Lembro-me dele lamentar o fato contrário às suas convicções (vejo isso com mais clareza), porque o dano aos valores histórico-culturais era consequência da suposição inculta de que seria suficiente fundar os alicerces de um tempo presente.

As perdas ou depredações dos acervos arquitetônico, artístico e documental incomodavam o diretor do ICHS, principalmente se estivessem relacionados ao passado descontínuo da instituição. Certo dia, ele me chamou para avaliar um amontoado de livros velhos doados por um morador de Mariana. Suponho que ele suspeitasse de que não havia nada muito relevante naquilo, mas mesmo assim, com seu jeito um pouco

solene, ele pediu que eu examinasse cuidadosamente, pois podíamos salvar algum título importante para a biblioteca do Instituto.

A eficácia funcional do espaço não significava, para o diretor, deixar de lado a historicidade das coisas ou das narrativas dos objetos. Assim ele buscou encaminhar a restauração/conservação da capela, com sua composição de altares, retábulos e pintura do teto. Com a ajuda de alguns especialistas, o diretor investigou os problemas que colocavam em risco este patrimônio da arte religiosa setecentista, buscando conceber um plano de restauração e conservação do templo. Infelizmente, o projeto não se efetivou.

Seria injusto supor aqui que o diretor focalizasse simplesmente o que se considera molduras de “pedra e cal”. Seu interesse em reunir/conservar/mostrar os retratos em preto e branco, documentos das fisionomias do lugar secular, correspondia ao propósito de compreensão afetiva das relações de convívio do passado que possuíam densidade de memória institucional ou coletiva. Sobretudo conformando-se ao desenho administrativo, que parece buscar inspiração e legitimidade no jogo da memória, Ivan flagrou, nas suas composições fotográficas, os movimentos tangentes ou cruzados dos caminhos entre os prédios, dos corredores e das varandas. Mas, também não deixou de registrar os locais de estar, como as salas da biblioteca, por exemplo.¹

É certo que a operação fotográfica tornou-se para o diretor, além de uma forma de registrar situações problemáticas, ou de denunciar quaisquer negligências, um modo de verificação das ações empreendidas ou em andamento. Contudo, ele acabou relatando as funções mais convergentes dos locais, e mostrou ter preferência pela visualidade que, contornando as paredes internas, transpõe as janelas ou as portas abertas para reflexos de luz.

Também percebo, agora, a dignidade e a legitimidade desse lugar que se forjou, desde a passagem do professor Ivan. Compreendo que mobilizamos as memórias imaginadas e difusas para isso; estas criam uma poética das trajetórias dos sujeitos que partilham os (nossos) melhores lugares, e que, ainda, conspiram para mudar o rumo das coisas. Ivan lembrou, certa vez, o nome do novo auditório do ICHS – ainda um vazio, um vão sem assoalho e sem forro –, que seria construído em um prédio do velho conjunto herdado do seminário. O homenageado era dom Oscar de Oliveira. Estranhei: se ainda fosse o Cônego Vieira... No entanto, o diretor não pensava em sugerir uma analogia dos tempos; ao invés disso, a figura do arcebispo de Mariana (autoridade eclesiástica que cedeu à universidade pública o *locus* do velho seminário) convinha, numa concepção do plano administrativo, à solução de continuidade.

Referências Bibliográficas:

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*.

Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

SPIX, Johann Baptist von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Tradução de Lúcia Furquim

Lahmeyer. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. v. 1.

VASCONCELOS, Salomão de. *Breviário histórico e turístico da cidade de Mariana*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.

1 O próprio Ivan foi o autor da série de imagens que consultei. Trata-se de uma série de fotografias digitais que se encontram guardadas no arquivo da diretoria do ICHS/UFOP.

Francisco Eduardo de Andrade é doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).